

DF. Saúde 15 SET 1987

Problemas, o mal que adoece Hospital de Base há 27 anos

O Hospital de Base de Brasília (HBB) completou no último dia 12 27 anos mantendo seu constante quadro de precariedade. Com excesso de pacientes distribuídos em pequenos boxes e diversos outros espalhados pelos corredores, ele já se transformou em um problema crônico. Só na emergência, onde a capacidade de atendimento é de 200 pacientes por dia, passa uma média de 800 pessoas diariamente, comprometendo a qualidade do atendimento.

Inaugurado em 12 de setembro de 1960 com o nome de Hospital Distrital de Brasília, o HBB destinava-se a atender, apenas a população do DF. No entanto, recebe grande contingente de doentes, dos estados de Goiás, Bahia e Minas Gerais. Esta migração de pacientes, associada ao crescimento populacional do DF e a falta de investimentos em reformas, recursos materiais e humanos, são os principais responsáveis pelo estado em que se encontra, hoje, o HBB.

Em 1979, com a criação do Plano de Saúde, o HBB passa a se chamar Hospital de Base de Brasília, e assumiu a condição de um centro altamente especializado, oferecendo atendimento terciário. Mas este atendimento está completamente comprometido, uma vez que toda a população do DF procura o hospital com problemas simples, enquanto ele está preparado para patologia mais grave. Segundo o diretor do HBB, Edno Magalhães, empossado no dia 5 último, sua principal meta é a aplicação desse atendimento.

A produção de serviços de

saúde do HBB registrou, nesse primeiro semestre, um atendimento muito acima de sua capacidade. Entre consultas de ambulatório e emergência, foram atendidos 220.081 pacientes. Efetuaram-se 3.828 cirurgias de grande, médio e pequeno porte, segundo os dados do Departamento de Divisão, Documentação e Informática do Hospital. No mesmo período foram feitos 294.992 exames de laboratório e 20.155 de radiologia.

Pronto-socorro

Um ano depois de anunciada a reforma do prédio do Pronto Socorro do Hospital de Base de Brasília, as obras avançaram muito pouco. Basta constatar que nos quatro andares que devem ser reestruturados, apenas a cobertura foi reformada. No 4º andar, onde funcionará o Centro de Tratamento Intensivo, a previsão é de que entrará em funcionamento no final do ano. Calculadas em Cz\$ 90 milhões, as obras já estão avaliadas em mais de Cz\$ 160 milhões.

Dia 28 de julho do ano passado o Departamento de Engenharia da Fundação Hospitalar do DF entregou relatório ao governador José Aparecido sobre as condições do Pronto-Socorro. O documento dizia que as instalações estavam se deteriorando ao longo dos anos por falta de reformas, que as caixas d'água subterrâneas apresentavam vazamentos, comprometendo a estrutura do edifício e que as instalações de esgotos estavam igualmente danificadas, colocando o prédio em risco de incêndio, por estarem próximo da rede elétrica.

Os técnicos do Departamento

de Engenharia alertavam ainda para uma revisão no sistema elétrico e seu redimensionamento, devido aos acréscimos de carga, além de constatarem que o sistema contra incêndio estava desativado, com a central de comando danificada. De acordo com o relatório, a estrutura do prédio estava em estado precário e pedia sua reformulação, incluindo o sistema de ar condicionado, esquadrias externas e a cobertura.

Estas obras deveriam ser concluídas dentro de seis meses se fossem executadas 24 horas por dia. Mas a constante falta de verbas vem adiando ainda mais o prazo, e a primeira etapa da obra, o 4º andar, só vai ficar pronta um ano e seis meses após sua interdição. Só então serão iniciadas as reformas dos andares inferiores, um em cada etapa, na ordem regressiva. A emergência, que funciona no térreo, será a última a ser reformada.

No Ambulatório está sendo implantado o Departamento de Radiologia. No Bloco B será construída uma sala para implantação que há dois anos está encaixotada. O Bloco C será ampliado para a medicina Nuclear que já foi implantada. O secretário Laércio Valença disse, ontem, que o Hospital necessita de ampla reforma e afirmou que já foram alocados Cz\$ 160 milhões e sua previsão é de receber mais Cz\$ 50 milhões. Ele falou que o Hospital se deteriorou por causa dos poucos recursos que tem recebido ao longo desses anos. E uma das reformas urgentes será feita na lavanderia, para onde já foram destinados Cz\$ 8 milhões.

Valério Aires

Sindicato diz que falta tudo

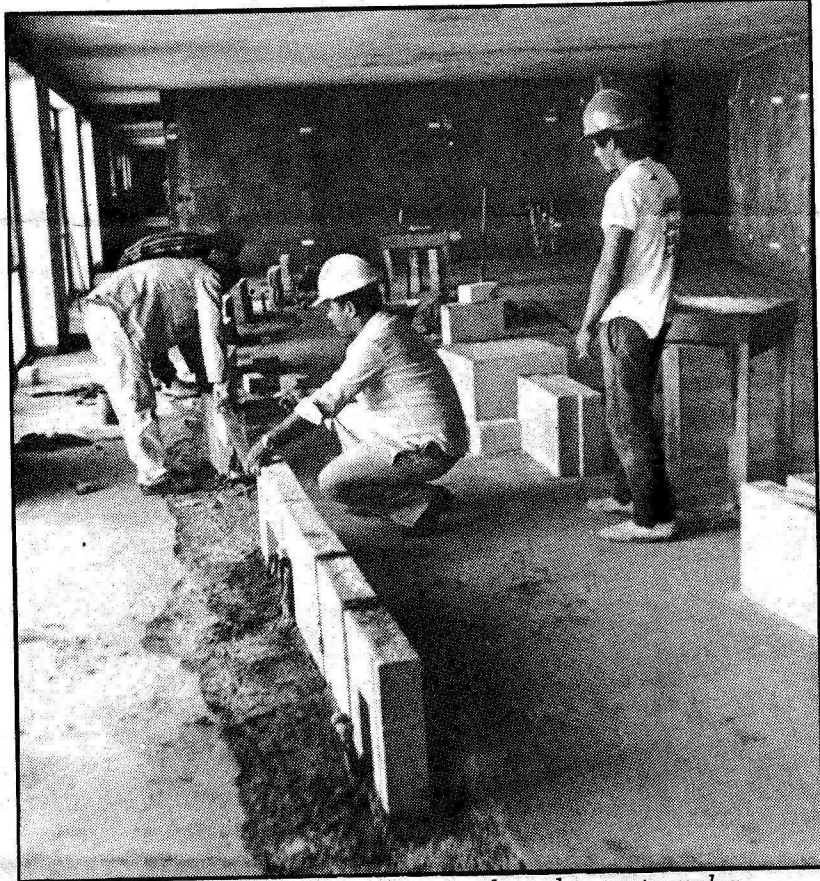
"O 27º Aniversário do Hospital de Base de Brasília é o momento ideal para rememorar seu objetivo inicial". Assim reagiu a presidente do Sindicato dos Médicos, Maria José Conceição. Para o presidente do Sindicato, que congrega 72 categorias da área de saúde de Brasília, Iris Carlos Santos da Silva, este aniversário está como os outros: "Sem medicamentos, faltando pessoal e com aparelhos quebrados".

A líder da categoria médica disse que o HBB, que deveria ter um tratamento modelo, "vem se deteriorando gradativamente com a falência do Plano Saúde". Este aniversário, segundo ela, não tem porque ser comemorado, ao contrário: "É um momento muito triste". Na sua opinião, a reformulação do hospital está ocorrendo muito lenta e provocando um atendimento precário. "O Hospital tem um quadro de funcionários competentes, mas que não pode exercer suas atividades por falta de condições técnicas", afirmou Maria José.

Criticou a política de saúde que é aplicada aleatoriamente pelo secretário de Saúde, Laércio Valença, que, afirmou, "não está voltada para a instituição". Por último, criticou o fato de não haver investimento em material humano, dizendo desconhecer treinamentos apresentados pelo Secretário e de medidas tomadas sem conhecimento dos funcionários. Já o presidente do Sindicato reservou suas críticas à nova direção do HBB, empossada no dia 5 último.

Iris Carlos reafirmou as precárias condições de trabalho, agravadas com a "relação autoritária do atual diretor, Edno Magalhães, com os funcionários". De acordo com suas informações, ele está punindo os servidores que participaram da greve no dia 20 de agosto, acabou com a sala de repouso dos funcionários de plantão e está tentando adotar escala fixa, quando os funcionários que trabalham à noite não terão condições de alternar o horário.

Para o sindicalista, a atual direção vai aumentar ainda mais o caos no HBB. Ele apela ainda ao secretário Laércio Valença e ao governador José Aparecido para que, nesta data, apresentem uma proposta para resolver a situação do Hospital.



Faltam verbas para acelerar as obras do quarto andar

Laércio aponta investimento

O secretário de Saúde, Laércio Valença, abriu, ontem, a 6ª Semana de Estudos Técnico-Administrativos no Hospital de Base de Brasília, em comemoração aos 27 anos do HBB. Durante meia hora ele falou especificamente sobre os investimentos que a Secretaria tem feito, este ano, na reposição de funcionários, no treinamento de pessoal e na introdução da informática na Fundação Hospitalar do Distrito Federal.

Laércio Valença começou sua exposição pela falta de recursos humanos quando afirmou que a FHDF estava com 1.200 vagas bloqueadas, sendo que 500 foram liberadas. Falou de sua intenção de conseguir a liberação das 800 restantes e ampliar o quadro de pessoal, até o próximo ano, uma vez que acha o atual quadro insuficiente. Só no HBB, segundo seu diretor Edno Magalhães, seriam necessários mais 40 médicos e cerca de 200 enfermeiros.

Uma das grandes críticas abordadas no seminário do 26º aniversário do HBB (ano passado) foi com relação aos equipamentos sofisticados adquiridos pela Fundação, devido à falta de espaço e de técnicos treinados para usá-los. Este ano, o Secretário disse que foram gastos Cz\$ 9 milhões em treinamento de 3.500 funcionários, sendo 2.000 de nível superior e 1.500 de nível médio.

A informática foi um dos saldos positivos que Laércio Valença apresentou na solenidade. Afirmou que neste setor vão ser duplicados os recursos, pois ele agiliza o processo administrativo e dá mais segurança. Na avaliação de Laércio Valença, muita coisa melhorou no HBB este ano. Até mesmo a questão de medicamentos, onde já faltaram até curativos, ele disse que está razoável e que se existe a falta de alguma coisa é por causa da crise no mercado farmacêutico.